

# “ESCOLA MODELO DE LÍNGUA JAPONESA” EM DOURADOS/MS: IMIGRAÇÃO, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO FEMININA

■ JOICE KOCHI

Secretaria Municipal de Educação de Dourados/MS

■ MAGDA SARAT

Universidade Federal da Grande Dourados

■ MÍRIA IZABEL CAMPOS

Universidade Federal da Grande Dourados

## RESUMO

O artigo aborda a educação feminina de imigrantes japonesas, em Dourados, Mato Grosso do Sul, considerando a sua participação e pioneirismo na abertura da “Escola Modelo de Língua Japonesa de Dourados/MS”. Objetiva-se compreender como as mulheres se organizaram para manter valores tradicionais da cultura japonesa, buscando a difusão de padrões de comportamento, para crianças e jovens, em uma “Escola”. As fontes, constituídas por histórias de vida, trajetórias docentes e memórias autobiográficas, foram recolhidas via procedimentos da história oral, o que permitiu abordar as relações de gênero. Utilizaram-se, também, documentos oficiais e fotos. Os resultados apontam que as professoras foram idealizadoras da “Escola” e figuras imprescindíveis à comunidade de imigrantes e de nipo-brasileiros, atuando até o presente na manutenção da tradição e da cultura japonesas no município. Conclui-se que as relações de gênero estão fortemente marcadas no grupo de imigrantes, se expressando no alijamento das mulheres do espaço público, apesar de que, no movimento específico, as mulheres estivessem à frente, paradoxalmente a sua educação, fundada em “silêncios” e “submissões” da “vida doméstica”, características presentes na concepção de educação para meninas, demonstrando os aspectos da cultura e os padrões da formação feminina japonesa.

**Palavras-chave:** Imigrantes japoneses. Memórias. Educação feminina. Educação étnica.

## ABSTRACT “JAPANESE LANGUAGE MODEL SCHOOL” IN DOURADOS/MS: IMMIGRATION, HISTORY AND FEMALE EDUCATION”

This article discusses the female education of Japanese immigrants in Dourados-MS, considering their participation and pioneering in the opening of the Model School of Japanese Language of Dourados. It aims to understand how women have organized themselves to maintain traditional values of Japanese culture, seeking to spread patterns of behavior for children and young people at the language school. The sources, constituted of life stories, memories of teaching and autobiographical trajectories, were collected according to oral history procedures approaching gender relations; official documents and photos were also used. The results point out that these teachers - founders of the School and indispensable figures in the Japanese-Brazilian community - have been working until now to maintain Japanese tradition and culture in the municipality. We conclude that gender relations are strongly marked among these immigrants, expressed in the exclusion of women from the public sphere. Although in this specific movement women were ahead, their leading role is paradoxical regarding their education background characterized by “silences” and “submissions” to “domestic life”, dominating the traditional conception of education for girls, and cultural patterns of Japanese female training.

**Keywords:** Japanese immigrants. Memoirs. Female education. Ethnic education.

## RESUMEN “ESCUELA MODELO DE LENGUA JAPONESA” EN DOURADOS/MS: INMIGRACIÓN, HISTORIA Y EDUCACIÓN FEMENINA

El artículo aborda la educación femenina de inmigrantes japonesas en Dourados-Mato Grosso do Sul, teniendo en cuenta su participación y su carácter pionero en la fundación de la “Escuela Modelo de Lengua Japonesa de Dourados-MS”. El objetivo de este trabajo es comprender cómo las mujeres se organizaron para mantener valores tradicionales de la cultura japonesa, buscando la difusión de patrones de conducta para niños y jóvenes desde una “Escuela”. Las fuentes, formadas desde sus historias de vida, trayectorias docentes y memorias autobiográficas, fueron recolectadas por medio de procedimientos de historia oral, lo que permitió abordar relaciones de género. También se utilizarán documentos y fotos. Los resultados

señalan que estas professoras, además de las idealizadoras de la “Escuela”, fueron figuras imprescindibles en la comunidad de inmigrantes y de nipo-brasileños y, todavía hoy actúan en la manutención de la tradición y de la cultura japonesa en la ciudad. Se concluye que las relaciones de género están fuertemente marcadas en este grupo de inmigrantes y se expresan en el alejamiento de las mujeres del espacio público, aunque con base en este movimiento específico las mujeres estuvieran al frente, paradójicamente a su educación doméstica fundada en los “silencios” y “submisiones” de la “vida doméstica”, características presentes en la concepción educativa de las niñas, poniendo de relieve los aspectos de la cultura y de los patrones de la formación femenina japonesa.

**Palabras clave:** Inmigrantes japoneses. Memorias. Educación femenina. Educación étnica.

## Introdução

*“Todos estudavam juntos! E para meninas tinha algumas regras específicas, havia esse pensamento!” (SATOKO, Entrevista, 2016)*

Este artigo, elaborado a partir de uma pesquisa de mestrado,<sup>1</sup> aborda a história das mulheres imigrantes japonesas que conceberam e criaram a “Escola Modelo de Língua Japonesa de Dourados/MS”, situada no município de Dourados, Estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste do Brasil. Investigamos a atuação dessas mulheres, como figuras centrais ao processo de formação das meninas que frequentam a “Escola”, e entendemos que a instituição foi construída para a manutenção e a transmissão da cultura nipônica trazida pelos imigrantes.

Em vista do assinalado na epígrafe que inicia este texto, é importante tratar das relações de gênero presentes nas experiências relatadas pelas mulheres, em entrevistas a

nós concedidas, quando externaram o modo como a cultura de origem influenciou as gerações posteriores, priorizando a transmissão de comportamentos e padrões de conduta, especialmente na formação das meninas. Conforme o fragmento aponta, “havia esse pensamento”, ou seja, uma concepção de feminino, caracterizada por regras específicas que deveriam ser ensinadas às meninas.

Construímos nossas análises a partir de fontes documentais e escritos oficiais constantes do acervo da “Escola Modelo”, bem como de entrevistas realizadas com as imigrantes pioneiras que participaram do movimento, desde o período da abertura da instituição. Tais dados foram analisados à luz do referencial teórico de Norbert Elias (1998; 2000; 2011), indicando como se constituíram os processos de civilidade e formação do grupo de imigrantes.

A bibliografia sobre a história das mulheres (PERROT, 2005; PINSK; PEDRO, 2012; PRIORE, 2011) informa que nas fontes históricas dificilmente encontramos arquivos e documentos nos quais a presença das mulheres se eviden-

<sup>1</sup> Dissertação intitulada “Escola Modelo de Língua Japonesa de Dourados-MS”: movimentos, histórias e memórias de mulheres (KOCHI, 2017), defendida no curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), na Faculdade de Educação (FAED), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

cie ou em cujas investigações elas tenham expressividade. No Ocidente, sobretudo na França do século XIX, a história pública privilegiou a atuação dos homens, fazendo distinção entre os espaços públicos e privados, destinados aos homens e mulheres, respectivamente, um lugar de atuação em que cada grupo contou e participou da história. No Oriente, a história das mulheres expressa-se do mesmo modo e o lugar do feminino tem estado majoritariamente marcado pela educação no espaço privado e doméstico.

Verificamos, portanto, um hiato de fontes e documentos escritos/oficiais, restando, para a história das mulheres, os arquivos privados<sup>2</sup> e as memórias (fontes orais). Perrot (2005, p. 40) escreve que “[...] os desenvolvimentos recentes da história chamada de ‘oral’ são de certa maneira uma revanche das mulheres”, pois é uma possibilidade de rever a investigação, na perspectiva do grupo. Assim, ao propormos escrever as histórias das mulheres, sobretudo das imigrantes japonesas, recorreremos à fonte oral, concordando que “na rememoração, as mulheres são, em suma, as porta-vozes da vida privada” (PERROT, 2005, p. 42); os homens por sua vez, se calam diante da exposição da vida privada. Dessa maneira, as mulheres são detentoras do conhecimento que se passa nos espaços domésticos e pouco visíveis, nos quais vão construindo sua leitura e concepção no grupo social que frequentam.

A história, sendo feita por mulheres, permite novas leituras, pois elas são as “retratistas da família” (LE GOFF, 1990, p. 466) ou “guardiãs do passado”, da “memória” do seu grupo, ao serem as responsáveis e terem o cuidado de preservar os acervos pessoais, importantes na construção histórica. O uso de novas fontes

permite um processo de democratização da pesquisa histórica, oportunizando às mulheres expressarem-se e registrarem suas trajetórias. Assim, as memórias das mulheres da colônia japonesa de Dourados/MS, com a especificidade cultural do grupo, nos instigaram a escrever sobre suas histórias.

Entretanto, destacamos que, quando recorreremos às mulheres japonesas para a referida pesquisa, houve muitas reticências. Em alguns casos, sob o pretexto de sua vida privada ser insignificante, alegaram não ter motivos para se expressar publicamente. Em investigação empreendida por Iwamoto (2016), ao realizar entrevistas sobre memórias de infância com as mulheres japonesas de Dourados/MS, a pesquisadora destaca um grande número de recusas, por parte das mulheres, que se manifestavam dizendo: “[...] minha infância não interessa ao público”; “não preciso disso, obrigado”; “tem coisa que eu não vou saber responder”; “eu não posso” (IWAMOTO, 2016, p. 41). As justificativas e os pretextos seguiam em direção à falta de tempo e por considerarem suas vidas pouco importantes para a história, principalmente, nas alegações das mulheres.

Tais relatos evidenciam o silenciamento das mulheres, pois elas apresentam muitas dificuldades de sair do cenário privado para o público. Como Perrot (2005, p. 42) argumenta, “dizer ‘eu’ não é fácil para as mulheres a quem toda uma educação inculcou a conveniência do esquecimento de si mesma [...]”. Assim, nas mulheres entrevistadas nesta pesquisa, percebemos tais aspectos, embora elas tenham sido protagonistas de um projeto público de grande notoriedade.

Destacamos que as entrevistas foram realizadas a partir da metodologia da história oral, com suas especificidades e, portanto, também limites, pois, como afirma Alberti (2004), o/a pesquisador/a solicita ao entrevistado/a relatar sua vida e trajetória diante de uma “pes-

2 Conforme Perrot (2005, p. 35), “as mulheres como secretárias da família, elas mesmas foram produtoras destes arquivos, com os seguintes exemplos: livros de anotações de casa, correspondências familiares, diários íntimos, álbum de fotografias, etc”.

soa estranha”, um gravador e, frequentemente, pergunta acerca de fatos e acontecimentos particulares, ou seja, se aproxima de aspectos da vida da pessoa que ela pode desejar ou não relatar. Nesse sentido, o trabalho do/a pesquisador/a seria de “[...] transformar lembranças, episódios, períodos da vida (infância, adolescência etc.), experiências, enfim, em linguagem” (ALBERTI, 2004, p. 104). Compreendendo que a linguagem só se torna conhecimento, à medida que é falada e expressada, essa narrativa constitui, assim, o sentido e a sua razão de ser.

Em vista disso, com a colaboração das mulheres japonesas, buscamos, nesta investigação, saber como elas viveram suas experiências, por serem imigrantes, mulheres, vindas para o interior da região Centro-Oeste do Brasil, construindo, neste lugar, uma história de educação étnica por meio do ensino da sua língua materna, em uma escola que fundaram para esse fim, sendo pioneiras, no sentido de buscar a preservação e a continuidade da língua materna na comunidade em que viviam. Nesse sentido, assentimos com a afirmação de Portelli (1997, p. 31), segundo a qual as “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”. Ouvimos as mulheres, portanto, as idealizadoras e realizadoras do projeto da “Escola”, para sabermos como a sua participação ativa contribuiu com a história da educação na região, contada nas experiências de quem trabalhou com o ensino da língua japonesa na comunidade nipônica.

Finalizando a introdução, trazemos Mauad (1996, p. 8), quando a autora destaca “[...] a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado – condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc.”. Sendo assim,

registramos que, no decorrer do texto, apresentaremos imagens iconográficas do acervo da “Escola Modelo”. Assinalamos, contudo, se tratar somente de opção ilustrativa, pois não procederemos à análise das imagens, embora compreendamos a importância da fotografia, como documento histórico, nas pesquisas em educação.

## Imigração e história da vinda das famílias japonesas para Dourados/MS

*“[...] as jovens esposas – yome (noras) vieram como imigrantes [...] Me casei e vim para cá e fiquei longe (da casa dos meus pais)” (SATOKO, Entrevista, 2016)*

*“Alguns ficaram felizes... eu dizia: ‘eu não vou de jeito nenhum para o Brasil’ [...] eu não queria. Mas hoje penso que foi bom ter vindo”. (YASUKO, Entrevista, 2016)*

As entrevistadas foram professoras pioneiras da “Escola Modelo de Língua Japonesa de Dourados/MS” chegando aqui com o processo migratório para a região, em meados do século XX. Para este artigo, apresentamos as entrevistas com duas mulheres que atuaram não somente na “Escola Modelo”, mas também em movimentos pró-ensino da língua japonesa na região. Elas foram professoras e gestoras da escola, além de figuras de destaque, na comunidade nipônica, por lutarem pelo ensino e a preservação da língua japonesa e, também, fizeram parte da equipe idealizadora do projeto de implantação da “Escola”.

Apresentamos, primeiramente, a professora Satoko, nascida em 1936, com 79 anos na data de nossa entrevista. Chegou ao Brasil, em 1956, com 19 anos de idade. Formada em Koko (equivalente ao ensino médio em nosso país), imigrou para o Brasil com a família, pai, mãe, um irmão mais velho, ela e dois irmãos mais novos. Vieram para o interior do Estado do Pa-

raná. Nos anos de 1960, migraram para o sul de Mato Grosso Uno, na região de Dourados, hoje situada no Estado de Mato Grosso do Sul. Ainda jovem, começou a participar nas festividades da Associação de japoneses da região; após o casamento, decidiu cuidar das crianças da vizinhança, quando iniciou o movimento da educação étnica, no princípio, com o intuito de ensinar a língua materna ao filho.

Como segunda entrevistada, apresentamos a professora Yasuko, nascida em 1935, com 80 anos na data da entrevista. Imigrou para o Brasil, em 1956, aos 20 anos de idade. Sua vida no Japão foi na área rural, tendo estudado somente até o *Chugakko* – “primeiro ciclo do segundo grau em três anos” (equivalente aos anos finais do Ensino Fundamental, no Brasil). Menciona diversas vezes, na entrevista, a sua escolaridade, ao relatar os convites recebidos para lecionar nas associações, mas se lamentou por não ter estudado mais no Japão, em razão de trabalhar na lavoura para ajudar a sua família.

Estas mulheres fazem parte de um movimento de imigração muito forte, que veio para a região, caracterizando o atual Estado do Mato Grosso do Sul, como o terceiro Estado do país em número de japoneses e seus descendentes, atrás somente de São Paulo e Paraná. Destacamos que a vinda dos/as imigrantes/migrantes para sul de Mato Grosso Uno<sup>3</sup> teve início na primeira década do século XX. A história da imigração, conforme Inagaki (2008, p. 32), “[...] está ligada à construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que ligava Bauru a Porto Esperança, no antigo Mato Grosso, próximo a Corumbá”. Observamos, então, que essa imigração se dá de forma secundária, pois os destinos primordiais foram os cafe-

3 Esta nomenclatura é utilizada para definir o Estado antes da separação em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, ocorrida somente em 11 de outubro de 1977, a partir da Lei Complementar nº 31, assinada pelo então Presidente Ernesto Geisel. (BITTAR, 2009)

zais do interior do Estado de São Paulo, tendo ocorrido desde as primeiras levadas de imigrantes em 1909.

A partir do ano de 1909, os imigrantes japoneses, atraídos pela remuneração mais compensadora para o trabalho na construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB)<sup>4</sup> do que nas fazendas cafeeiras, encaminharam-se para a região Centro-Oeste do país (KUBOTA, 2008). Os primeiros que migraram para o Estado mato-grossense e vieram trabalhar na construção da NOB, vieram por volta de 1904-1914, pois “a notícia de emprego nessa região traçou um novo destino para esses imigrantes e, mais tarde, despertou o interesse de deslocamento de novos grupos para o local” (NISHIMOTO, 2011, p. 36). Após o término da construção da NOB, em 1914, esses migrantes começaram a se instalar e a formar colônias em Campo Grande, no sul de Mato Grosso Uno.

Posteriormente, dirigiram-se para a região do município de Dourados, considerada, depois da capital Campo Grande, um dos principais destinos dessa imigração/migração, no Estado. As famílias vieram para se estabelecer na Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, criada em 1943, pelo Decreto-Lei 5.941, de 28 de outubro, no então Estado de Mato Grosso, no governo de Getúlio Vargas. A proposta da CAND fazia parte de uma ação política de colonização, chamada Marcha para o Oeste, e passou a receber migrantes e imigrantes, de forma mais intensa, a partir de 1948, consolidando-se durante a década de 1950 (MENEZES, 2012).

As mulheres que entrevistamos vieram para o Brasil nessas levadas de imigrantes, após a Segunda Guerra Mundial, pois a região de

4 A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), construída às margens do rio Paraguai, passando por Campo Grande, no Mato Grosso Uno, foi uma ferrovia destinada a ligar Bauru (SP) a Porto Esperança (próximo a Corumbá). O início da sua construção, em 1909, marcou, também, a chegada dos primeiros japoneses ao Estado de Mato Grosso. (INAGAKI, 2008)

Dourados foi um território de recepção de grupos, na rota de imigração/migração japonesa, a partir de 1940, recebendo um grande número de migrantes *nikkeis*<sup>5</sup> e imigrantes japoneses.

A relação da “Escola” com a comunidade douradense e brasileira, segundo os relatos da sra. Satoko, sempre foi de cordialidade, pois ela afirma nunca ter sentido discriminação ou que a escola tenha feito distinção étnica para a oferta da educação japonesa, de quaisquer grupos. No entanto, percebemos as nuances dos conflitos, apontando alguns estranhamentos, quando ela lecionava na região, o que aparece em seus relatos, como a seguir: “No começo quando viram a dança, com roupa japonesa (quimono), deram risadas. Viram o Bom Odori<sup>6</sup> e falavam: ‘olha o japonês, fazendo coisas engraçadas [...]’ (gestos e risos), ‘Parecem bobos’, ‘estranhos’, e tinha bastante brasileiro que falava isso” (SATOKO, Entrevista, 2016).

Ao relatar uma experiência cultural que fazia parte das atividades da escola, aponta a falta de compreensão e o estranhamento inicial, o que provavelmente ocorria, de ambos os lados, e era perceptível nos grupos. No lado brasileiro, o desconhecimento da cultura do outro, completamente ignorada nesses rincões; do lado japonês, o estranhamento por haver alguém que não compreendia aquelas expressões e danças que, na sua cultura, eram comuns. Nesse sentido, certamente os pequenos conflitos estavam presentes, cotidianamente.

Em outro fragmento sobre o tema, foi possível observarmos, embora o cuidado da senhora Satoko, para não tratar as relações abertamente, que os japoneses eram percebidos com olhares de “recém-chegados”, os estranhos, os diferentes, os de fora, os *outsiders*, com costumes diferentes, provocando curiosidade na

comunidade brasileira. Seu relato mostra certo ressentimento, ao falar dos movimentos da dança *Bon Odori*: “O que estão fazendo? Engraçado [...] Mas é isso [...] não importava! É só não ir nos lugares que falavam isso, para não tirarem sarro! E nós somos nós [...]. Então, essa é a nossa cultura, se não conseguia entender, tudo bem!” (SATOKO, Entrevista, 2016). No contexto de duas culturas muito distintas, tais situações estavam sempre presentes, e a professora relata “por haver diferenças, então enxerga a diferença [...]” (SATOKO, Entrevista, 2016).

Tal fragmento demonstra que houve, de ambas as partes, barreiras e estranhamentos, talvez com o propósito de cada grupo defender a sua cultura, fazendo com que as diferenças fossem aspectos expostos mais no intuito de defender a preservação do seu passado e a manutenção dos seus costumes de origem. A documentação e as entrevistas nos permitem afirmar que, no caso das/os imigrantes japonesas/japoneses, a construção da “Escola Modelo” e os esforços das mulheres podem ter constituído uma forma de garantir a preservação da cultura, do ensino da língua e de uma formação mais próxima ao país de seus ancestrais, pois, ao perceberem a miscigenação com a cultura brasileira e preverem a perda de elementos da cultura oriental, de seus antepassados, as mulheres se organizaram em torno de um projeto educativo, como estratégia de ação coletiva.

Tal estratégia foi usada pelos grupos de imigrantes de diferentes nacionalidades, ao chegarem ao Brasil, e com os japoneses não foi diferente, ainda mais considerando uma cultura tão distinta como a cultura oriental. Nishimoto e Pereira (2014, p. 180) afirmam que os imigrantes utilizavam “[...] estratégias no campo educacional para favorecer sua inserção e ascensão na sociedade local”. Assim, além da perspectiva de inserção na cultura local, “[...] o forte desejo coletivo de oferecer uma es-

5 Palavra em japonês que significa descendentes de japoneses (tradução livre).

6 Dança festiva, ágil e espontânea, geralmente apresentada nas festas populares pelos camponeses. (IWA-MOTO; SARAT, 2016)

colarização dentro dos moldes da cultura japonesa sempre contribuiu como um reforço a mais para a inculcação de valores culturais nas gerações de japoneses” (NISHIMOTO; PEREIRA, 2014, p. 180). Ou seja, os imigrantes foram motivados por diferentes perspectivas, as quais fomentaram os movimentos de abertura das escolas étnicas.

Nesse aspecto, evidenciamos as relações sociais de grupos diferenciados que afetam as fronteiras – geográficas ou de qualquer outra natureza – como “[...] fronteiras entre ‘nós’ e os ‘outros’” (NISHIMOTO; PEREIRA, 2014, p. 187), ou seja, uma relação entre estabelecidos e *outsiders* ou recém-chegados, ao modo de Norbert Elias,<sup>7</sup> exemplificada entre os moradores locais ou estabelecidos e os imigrantes japonesas/japoneses *outsiders*, recém-chegados à região de Dourados, em meados do século XX, nos quais estariam expressos os modos.

[...] como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer ‘nós’, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como ‘eles’. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 37, grifos do original)

Na perspectiva de compreender quem eram “eles” e quem somos “nós”, as/os imigrantes japonesas/japoneses fizeram dois movimentos. Um deles foi tentar a inserção social mediante a criação de uma escola que também era aberta à comunidade e poderia fazer

parte da cultura local, valorizando o espaço coletivo, assim a “Escola” poderia ser chamada por todos de “nosso” espaço, “nossa escola”. O outro movimento marcou a “Escola”, vista pela comunidade como o espaço “deles” – dos japoneses que aqui chegaram.

Ocorreu, ainda, um movimento pela busca de inserção social e ascensão, em prol do fortalecimento interno dos próprios membros da comunidade, reunidos em clubes, agremiações e escolas étnicas – prática recorrente dos processos migratórios. Em vista disso, os grupos se fortalecem, se estabelecem, criam vinculações internas que os tornam coesos, provocando sua ascensão, quer seja, o processo interno de fortalecimento do “nós”. No caso dos japoneses, esse fortalecimento se deu com o intuito de valorizar sua cultura de origem por meio de escolas.

Se os valores culturais, a língua, os costumes, os modos de ser e os comportamentos vão estabelecendo graus de distinção entre os grupos, entre os que aqui estavam e os que chegaram, percebemos que, ao criarem escolas, os imigrantes contribuíram com a comunidade e acabaram por produzir coletivamente o grupo “deles”. Em sendo assim, os japoneses/as foram bem recebidos na região, mesmo considerando suas distinções, pois, ao buscarem formas de viver e aprender pautadas nas tradições e costumes do seu país de origem, eles/as criaram um “nós” muito fortalecido e representativo, fato que contribuiu para o estabelecimento do grupo.

Como parte desse processo social de estabelecimento dos grupos, nós entendemos, portanto, que as estratégias resultaram em alto grau de coesão grupal, visto que, ao desenvolverem atividades locais como as associações e a criação das escolas de língua japonesa, bem como a participação nos espaços constituídos e coletivos da comunidade, permitiram que as pessoas partilhassem do sentimento de iden-

7 A obra “Os Estabelecidos e os *Outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”, de Norbert Elias e John L. Scotson (2000), retrata um estudo de caso em uma comunidade chamada pelos autores de *Winston Parva* (Inglaterra). A reflexão apresenta as relações e figurações de poder existentes entre dois grupos de indivíduos, representados por moradores mais antigos do bairro e moradores “recém-chegados”, sendo considerados os estabelecidos e os *outsiders*, respectivamente, e apresenta as estratégias de ambos os grupos e seus conflitos, em disputas de poder dentro da comunidade.

tidade grupal, de forma subjetiva como “nós”, fortalecendo a luta perante o “outro” (ELIAS; SCOTSON, 2000).

De tal modo, continua existindo um movimento de valorização da cultura de origem por parte dos/as imigrantes japoneses/as, evidenciando uma predisposição para inculcarem, em gerações de descendentes, os ensinamentos, preceitos e concepções aprendidas. No caso do nosso estudo, não somente a “Escola” tem se tornado esse espaço da cultura e de aprendizado, mas também as famílias, pois valorizam a educação de suas crianças, atitude que contribui para a manutenção das escolas étnicas. Para Elias (2011, p. 139), os pais formam “[...] o conjunto de seres humanos, que exerce pressão sobre a nova geração, levando-a mais perfeitamente, ou menos, para seus fins”. Em nosso estudo, foi possível observarmos que “pais e mães japoneses” têm levado adiante a responsabilidade em repassar tais valores às gerações posteriores, na comunidade, fato que expressa a longevidade da “Escola”, em funcionamento até os dias atuais.

## As mulheres japonesas e a “Escola Modelo”

*“Naquela época homem e mulher eram separados... No Brasil então (ainda mais)”* (YASUKO, Entrevista, 2016).

Ao longo do século XX, assistimos ocorrerem inúmeras mudanças no mundo e a concepção da mulher nas sociedades japonesa e brasileira foi se transformando, a partir dessas transformações sociais, políticas, culturais e históricas. Na epígrafe registrada na abertura desta seção, vemos a sra. Yasuko contar sobre a recepção feita pelo Clube Nipônico, em Dourados,<sup>8</sup> na sua chegada. Ela observou a orga-

nização do grupo no qual homens e mulheres estavam separados e diz que *“no Japão já eram juntos (homem e mulher)”* (YASUKO, Entrevista, 2016).

Destacamos que a organização das associações e clubes foi feita pelos imigrantes da primeira geração, ainda marcados por uma educação do final do século XIX, considerando as primeiras levas de imigrantes que receberam essa formação no período. Quando essas mulheres chegaram a Dourados, em meados do século XX, já haviam vivenciado um Japão do pós-guerra, anos 1940, certamente com uma educação mais flexível, aberta aos princípios e valores diferentes daqueles do século XIX. No entanto, entre os grupos de imigrantes permaneciam os valores tradicionais da cultura das primeiras gerações e, provavelmente por isso, ao se referir ao país ela diz *“no Brasil então (ainda mais)”* (YASUKO, Entrevista, 2016). Ou seja, nosso país era mais tradicional e conservador.

Tal fato tem uma relação estreita com as concepções de educação e a formação dos primeiros imigrantes japoneses que vieram para o Brasil, no final do século XIX e início do século XX, retratando um Japão anterior à Segunda Guerra Mundial. Isso ocorre porque, ao mudar de país, a tendência dos imigrantes é reproduzir suas origens, o que os define como uma cultura em um tempo histórico. Em muitos casos, valores, comportamentos e costumes passam por mudanças, ficando somente o que a pessoa traz na memória, as lembranças e o que deseja preservar, para não perder o sentido de pertencimento (SARAT, 2014).

---

é que o Clube Nipônico de Dourados foi criado na época da chegada dos primeiros grupos à cidade, ainda no ano de 1953 (sede provisória, de madeira), em assistência aos recém-chegados, tendo recebido o nome de Clube Social Nipônico de Dourados. Posteriormente, o grupo de imigrantes da cidade projetou uma sede mais estruturada para festividades, edificando, no ano de 1961, a primeira etapa da construção do prédio, que hoje abriga a atual sede da Associação Cultural Nipô-Brasileira de Dourados. (IWAMOTO; SARAT, 2016)

8 Motivados por uma necessidade de espaços de convivência e pelo sentimento de manutenção da sua pertença ao país de origem, é comum alguns grupos de imigrantes criarem clubes e associações. Nesse sentido

No momento do relato da entrevistada sra. Yasuko, percebemos não só pelo conteúdo da fala, mas no tom de voz que ela abaixava ao contar o ocorrido. Assim, ao referir-se às relações entre homens e mulheres, ela dizia: “*então [...] eu não saía para lugar nenhum. Meu marido não dei [...] Deixava [bem baixinho]. Quando ele ia jogar beisebol, então me levava*” (YASUKO, Entrevista, 2016). A fala cautelosa, com um volume quase inaudível, demonstrou as dificuldades na relação cotidiana com a vida social e a participação em atividades de seu interesse. Ela nos conta que os passeios eram decididos pelo esposo e ela só participava de atividades que fossem na própria comunidade japonesa, quando definidas por ele, o marido. Assim, vivenciando as restrições cotidianas do relacionamento conjugal, seu relato evidencia as diferenças hierárquicas entre os sexos, pelas quais o homem tem o controle sobre o corpo, o comportamento e as escolhas da mulher.

Ao analisarmos o relato da sra. Yasuko – segundo os estudos de Elias (1998, p. 201-202), concordamos com o autor, quando ele assinala que historicamente existe “[...] un equilibrio desigual entre los sexos [...]”,<sup>9</sup> desigualdade codificada pela sociedade e especificada por Elias como “[...] desigual equilibrio de poder entre los sexos representado por um código social inevitable [...]”,<sup>10</sup> que foi construído historicamente e se constituindo entre os grupos sociais. Entendendo o código como costume, cultura e modos de relacionamento social, e podemos dizer que, no contexto vivido pela sra. Yasuko, bem como por outras mulheres da cultura japonesa, havia restrições para que se expressarem publicamente, pois vontades, desejos e decisões do espaço social do casamento estavam em poder do cônjuge masculino. Tais relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos apontam para “[...]

uma forma primária de relações significantes de poder” (MATOS, 2009, p. 284), em um ambiente no qual o marido decide pela mulher e ela obedece. Percebemos que tais padrões e regras eram valorizados no código social da cultura japonesa.

De tal modo, nos encaminhamos às relações de gênero, no sentido de discutirmos um conceito que “[...] remete à cultura, aponta para a construção social das diferenças sexuais, diz respeito às classificações sociais de masculino e de feminino” (PINSKY, 2009, p. 162), e molda um comportamento que informa, desde a infância, as regras e padrões para determinados grupos. Acerca das mulheres japonesas, como relata Sakurai (2014, p. 305), “[...] as mulheres japonesas se sentiam de fato submissas diante do marido e das normas numa sociedade que, até então, tinha como código de referência a obediência aos inúmeros segmentos hierárquicos”. Buscando respostas para a compreensão da formação das nossas entrevistadas, nos remetemos à concepção da educação feminina na cultura japonesa.

A mulher na cultura japonesa foi/é vista como “[...] responsável pelo fogo doméstico” (SAKURAI, 2014, p. 306). Como nos relatos das entrevistadas, as mulheres sempre estiveram muito atarefadas com o trabalho doméstico, portanto elas eram “[...] o símbolo do calor, do conforto” (SAKURAI, 2014, p. 306). Tal representação advém do ditado popular japonês “boa esposa e mãe sábia”, conferindo à mulher o espaço doméstico por excelência, que podemos perceber no relato da sra. Satoko, quando fala de sua mãe, sempre atarefada nos deveres domésticos. Segundo ela, sua mãe era a última a comer, a tomar banho e ainda complementava a renda com alguns trabalhos de costura. Da mesma forma como aconteceu com ela, ao se casar, pois vivia tão atarefada que acabou adoecendo por um longo período. “*Fiquei muito doente por muito tempo. [Que tipo de doen-*

9 “[...] un equilibrio desigual entre los sexos [...]”.

10 “[...] desigual equilibrio de poder entre los sexos representado por um código social inevitable [...]”.

ça?]. *Acredito que foi o excesso de trabalho. Estava cansada física e psicologicamente. Mas mesmo assim ia à roça trabalhar*” (SATOKO, Entrevista, 2016).

O relato expõe a condição de sobrecarga do trabalho feminino, somando trabalho doméstico cotidiano e trabalho na roça, o que debilitava a saúde física e mental e fazia com que essas mulheres estivessem presentes nas lavouras, ajudando na renda familiar, conforme aparece em todas as entrevistas concedidas nesta investigação. A representação da mulher na sociedade japonesa<sup>11</sup> ainda continua sendo a mesma de antes da Segunda Guerra Mundial – o lugar doméstico e o espaço privado com o acréscimo a todas as obrigações com o lar e as demandas do trabalho fora de casa, para complementar os ganhos. Uma das características principais da família japonesa é a sobrecarga dos afazeres para a mulher/mãe, não compartilhados com o pai ou outros membros da família, o que demonstra a internalização da divisão de trabalho doméstico, baseada em concepções da relação de gênero no Japão.

No entanto, ainda que pertencentes a esses contextos – os quais, na vida adulta, as mulheres japonesas contestavam – elas idealizaram e criaram uma escola de ensino da língua japonesa, onde também trabalharam para a preservação de valores da cultura e tradição oriental, especialmente considerando comportamentos, regras e padrões na educação.

Na abertura da escola de língua japonesa, esteve presente a hierarquia do poder intrinsecamente associada ao gênero masculino, evidenciado no relato da professora, bem

como das mães que queriam seus filhos na *Nihongo gakkou*,<sup>12</sup> para aprenderem a sua língua nativa. A iniciativa não foi valorizada pela direção do Clube Social Nipônico de Dourados nem pela Associação Cultural Nipo-Brasileira Sul-Mato-Grossense, pois ambas consideravam desnecessário investir recursos no ensino e na construção da escola, segundo o relato de Satoko (Entrevista, 2016):

*“[...] Desde 71 eu dizia isso (vamos abrir escola em Dourados). [...] como eu pegava livros emprestados com o presidente da Associação Cultural Nipo-Brasileira Sul-Mato-Grossense, e conversava com ele diversos assuntos [...] Eu dizia para ele (sobre abrir escola em Dourados), mas ele também negava dizendo que Dourados não dava, de qualquer maneira [...]”.*

Assim, as mulheres partem de uma estratégia no período, início dos anos 1970, conhecem um rapaz que veio do Japão para aprender português na cidade de Dourados, em um intercâmbio. Ele aprendia português e ensinava japonês, convivendo com pessoas da Associação Cultural Nipo-Brasileira Sul-Mato-Grossense. Nesta atividade, o jovem japonês sempre procurava a sra. Satoko, para conversar, e no conteúdo das conversas estava a percepção das crianças descendentes de japoneses que, segundo ele, não tinham comportamento adequado e o modo esperado pela sua cultura de origem, o que poderia se dar por falta do aprendizado da língua. De acordo com o relato de Satoko (Entrevista, 2016) *“[...] Ele dizia, ‘eu acredito na importância da educação/ensino da língua japonesa [...] isso acontecia por não haver escola de língua japonesa. Os pais não falam nada e deixam à vontade. Como que essas crianças serão no futuro?’. E ficava desabafando para mim [...]”.* Esse fato chama a atenção das mulheres, especialmente da sra. Satoko, que o convoca para a empreitada de propor aos seus pares homens da comu-

11 Realizamos consultas à bibliografia japonesa sobre as relações de gênero, na sociedade japonesa dos dias atuais, e encontramos uma pesquisa, feita por Sakurada, Matsushita, Shima e Konishi (2002), intitulada “The gender issue in Japan, from the foreign cultural point of view”. As pesquisadoras entrevistaram jovens estudantes japoneses e estrangeiros (oriundos/as de diversos países e que estudavam no Japão), cotejando opiniões sobre as relações de gênero na sociedade japonesa.

12 “*Nihongo gakkou* significa ‘escola de língua japonesa’, mas pode ser também *nihon gakkou*, que significa ‘escola japonesa’”. (KOCHI, 2017, p. 41)

nidade uma resolução ao problema. “[...] *Falei para ele, que podíamos começar (ensinar/educar), juntando (as crianças). Onde ele morava, o dono era uma boa pessoa; então, se fizesse na área externa um espaço, sentando as crianças no banquinho, podíamos começar*”. (SATOKO, Entrevista, 2016)

Assim começa a Escola Modelo de Língua Japonesa de Dourados, com a sra. Satoko, que buscou aliados para a sua causa, estimulou as pessoas a conseguirem mais alunos, a divulgar a experiência com o ensino da língua que foi ganhando visibilidade, na comunidade, como ela conta: *“comecei nos banquinhos de casa. Passado um ano, as crianças crescem muito rápido. Não pode esperar, o quanto menor iniciar, estar em contato com a cultura, o futuro dela muda bastante. E, foi espalhando a conversa*”. (SATOKO, Entrevista, 2016)

Ela continua relatando, dizendo que a escola se organiza e assim: *“comecei mais ou menos, em 74. (Participei no departamento de difusão de língua japonesa, na Associação Cultural Nipo-Brasileira Sul-Mato-Grossense)”* (SATOKO, Entrevista, 2016). Percebemos que sua trajetória vai sendo construída pela comunidade, sendo dirigida e impulsionada pelas mulheres, que pautam seus princípios em uma formação cultural, social, linguística e de valores da cultura oriental, da qual destacamos alguns aspectos presentes na documentação:

- Ensinar a Língua Japonesa não somente aos descendentes japoneses, mas também a todas as pessoas que se interessarem;
- Formar cidadãos com personalidade capaz de projetar suas capacidades com sociabilidade, cultura e saúde; e
- Divulgar e transmitir a cultura japonesa. (ESCOLA MODELO DE LÍNGUA JAPONESA DE DOURADOS, 1990)

Em outros documentos da escola que foram consultados, tais como “Princípios e obje-

tivos da Escola de Língua Japonesa de Dourados (1990)”, “Diagrama da estrutura geral e dos objetivos educacionais”, e “Quadro de estrutura do currículo da Escola”, nós não encontramos informações que indicassem, como objetivo, uma educação intencionalmente diferente para meninas ou meninos. Destacamos uma orientação pedagógica da “Escola”, direcionada para uma educação humanística, moral, prezando a honestidade, o esforço pessoal, a cidadania e a criatividade, através do ensino da cultura e da língua japonesa. No entanto, as professoras entrevistadas, quando questionadas sobre se havia uma educação diferenciada para meninas e meninos, de início negaram tal premissa, porém, ao discorrerem sobre as propostas pedagógicas da escola, apontaram:

*“[...] havia maneiras diferentes de educá-los com os brasileiros? Não, de menino e menina. Não todos [...] Nunca pensei nisso! [...] Não diferenciava, nem brasileiros, descendentes, não tinha preconceito! Todos que entravam, estudavam juntos. E para meninas, tinha algumas regras específicas, havia esse pensamento? Separado. Era o banheiro. Isso tinha. Mas pensar e dizer, por que menino ou menina. Mas dentro da cultura japonesa, se a mulher fizer isso ou aquilo, acaba levando bronca, informava como uma forma da cultura, isso fazia”*. (SATOKO, Entrevista, 2016)

Os modos e as formas da diferenciação na educação de meninos e meninas, brasileiros e japoneses, ainda que não assumidos pela professora, foram aos poucos sendo expressos nas falas, pois, ao pensar bem, a pessoa vai relatando os casos nos quais estaria presente este ou aquele fato que explicaria tal situação. Destacamos que não há registros nos documentos da escola ou nos regulamentos, mas o relato aponta que *“dentro da cultura japonesa, se a mulher fizer isso ou aquilo [...]”*, algumas sanções podem ocorrer. Ou seja, atitudes impostas e esperadas das mulheres, que, caso elas transgredissem, acabavam *“levando bronca”*. As gerações posteriores, portanto, apren-

diam na escola “*como uma forma da cultura, isso fazia!*” (SATOKO, Entrevista, 2016).

Em seguida a professora continua expondo acerca da educação das meninas, pois, segundo ela, havia a intervenção da escola, quando necessário. “*Então, sobre cultura, sim! Desde antigamente, no Japão, os homens eram mais arrogantes e mandavam, eu dizia isso. Mas havia opiniões de que, hoje, o pai é mais bonzinho do que a mãe. Como no Brasil estão se ajudando, diziam essas coisas*” (SATOKO, Entrevista, 2016). Embora a entrevistada destaque que instruíra somente como parte da cultura, percebemos, no decorrer de sua fala, a valorização dos aspectos hierárquicos da sua educação, que, mesmo em discordância, ainda assim, prezava pela transmissão na “Escola” dos valores tradicionais. A sra. Satoko informa e reconhece que os homens japoneses estão em uma rígida e elevada hierarquia de poder, mas ela instruíra alunos e alunas a reconhecerem a cultura e a necessidade de ser como no Japão.

No contexto da educação das meninas/mulheres da “Escola Modelo”, apontamos alguns aspectos da imagem apresentada na Figura 1, a seguir, que ilustra a formação de meninas *nikkeis* e brasileiras da “Escola” (na imagem há a presença de uma brasileira, pois, segundo sra. Satoko, a educação japonesa era oferecida sem distinção). A imagem mostra algumas alunas trajando a vestimenta tradicional (*quimono*) da cultura japonesa e outras com uniforme escolar.

**Figura 1** - Meninas em evento cultural da “Escola” - 1991.



**Fonte:** Acervo da “Escola Modelo da Língua Japonesa de Dourados/MS”.

A imagem apresenta não somente a vestimenta, mas também a posição das meninas, a postura, o cabelo, a posição das mãos e pés, os sorrisos discretos e comedidos, especialmente as de *quimono*, indicando bons modos, recato, disciplina e decoro, no comportamento, para uma menina/mulher japonesa, da qual se esperava uma atitude não somente para tirar a foto, mas que se estendesse para além da escola e permanecesse nos ambientes públicos em geral.

Em estudo acerca da educação das imigrantes japonesas no Brasil, desenvolvido em uma das escolas mais conhecidas do país, *Saiho Jogakuin* (Escola Feminina de Corte e Costura), localizada no Estado de São Paulo, a pesquisadora Akama (2008) analisa as fotografias da instituição. Ao observar os modos e os posicionamentos das alunas, em diversas fotografias da referida escola, pergunta se “o posicionamento das pessoas foi aleatório ou procuram reproduzir algum modelo previamente formatado? As posturas corporais rigidamente estabelecidas são simples coincidências ou já pertencem a uma memória inconsciente fixada em suas origens?” (AKAMA, 2008, p. 104)

Ao olhar para a nossa foto, nos questionamos também. Posar para uma foto revela somente um momento – um instante eternizado no flash de uma máquina – ou revela uma postura de comportamentos esperados e impostos às mulheres na cultura japonesa? Assim como a escola de costura *Saiho Jogakuin*, podemos dizer que as aulas de ensino de língua japonesa em Dourados/MS, também nas classes para meninas, certamente valorizavam o aprendizado de comportamentos e padrões, inspirados no modelo cultural da formação feminina japonesa, que destinava às mulheres um determinado lugar social.

Os comportamentos e modos da formação feminina também se expressavam nas práticas e manifestações culturais apresentadas na Figura 2. A foto registra uma das festividades da “Escola”, quando as meninas/mulheres eram encarregadas de servir aos/às convidados/as, na “Cerimônia do Chá”. No Japão, a cerimônia do chá era e ainda é um dos rituais culturais mais tradicionais. Historicamente, fazia parte da formação das mulheres, pois, além do estudo formal, elas faziam cursos preparatórios objetivando serem boas noivas e assim conseguirem bons casamentos; nesses cursos, que incluíam aprender a servir ritualisticamente a cerimônia do chá, havia os ensinamentos de valores pautados na família, principalmente a família do esposo, da qual elas, depois de casadas, iriam fazer parte.<sup>13</sup> A “Escola”, em uma de suas festividades, reproduziu a cerimônia para o público convidado.

**Figura 2** - Cerimônia de chá em evento da “Escola” - 1991.



**Fonte:** Acervo da “Escola Modelo da Língua Japonesa de Dourados/MS”.

<sup>13</sup> A cerimônia do chá, *chanoyu* ou *chado*, segundo Rocha (1996, p. 6), “de arte da elite masculina no século XVI, passou a ser uma arte de massa e feminina no século XX”. A mesma autora salienta que “se os homens do século XVI o usaram como meio de fazer política e ascender socialmente, as mulheres do século XX o usam como maneira de aprender de etiqueta do casamento e, assim, valorizar seu dote”. (ROCHA, 1996, p. 6) Complementando, temos as contribuições de Akama (2008, p. 60), para quem a cerimônia do chá faz parte da formação feminina, na sua cultura, sendo ensinada justamente para a formação de boa esposa, como parte de “saberes que uma mulher deve possuir frente à condição de ‘mulher casada’, boa esposa, companheira e anfitriã”.

Tal aspecto da cerimônia é muito significativo para a nossa análise, pois nos remete ao lugar das mulheres na cultura japonesa e nos permite entender a discussão de gênero como “[...] constituinte da *identidade* dos sujeitos” (LOURO, 1997, p. 24, grifo do original). Ao aprendermos que os sujeitos possuem identidades múltiplas, plurais, que se transformam, não constituindo identidades fixas, então podemos discutir as estratégias de como as mulheres usam estes espaços para exercer seu lugar social, mesmo em uma cultura rígida e hierarquizada como a cultura japonesa.

Neste sentido, se o gênero faz parte do sujeito e o constitui, em contrapartida, as diversas instituições e práticas sociais são também constituintes dos gêneros, ou seja, elas “[...] ‘fabricam’ os sujeitos” (LOURO, 1997, p. 25, grifo do original), e não podemos negar que houve/há relações de gênero nesse âmbito educacional étnico, já que o “[...] gênero pode ser empregado como uma forma de afirmar os componentes culturais e sociais das identidades, dos conceitos e das relações baseadas nas percepções das diferenças sexuais” (PINSKY, 2009, p. 163). Sendo assim, nós vislumbramos a possibilidade de análise das relações estabelecidas na cultura japonesa, a partir das falas das entrevistadas.

As mulheres professoras, ao não perceberem uma separação na educação destinada a meninos e meninas, invocam de certo modo um silêncio sobre a educação específica para meninas, pois o fato de não conseguirem distinguir esse tipo de prática pode ser resultado do modo como esse pensamento e concepção estão arraigados e naturalizados em sua cultura. Sobre isso Elias (1998, p. 202) informa que existe “[...] un tipo de desigualdad codificado por la sociedad en cuestión en tal forma que se ha convertido no sólo en costumbre sino también en hábito, en parte de los hábi-

tos sociales de los individuos”.<sup>14</sup> As condutas e modos de ser cristalizam-se no indivíduo, passando a fazer parte dele, pois o “[...] código social de conduta grava-se de tal forma no ser humano, desta ou daquela forma, que se torna elemento constituinte do indivíduo” (ELIAS, 2011, p. 181).

Em decorrência, embora as professoras imaginassem fazer uma educação regular que atingia a todos, sem distinção de gênero, nós inferimos que o próprio hábito cultural estava presente sem que elas o percebessem. Assim, ao serem perguntadas, elas negavam, como a sra. Yasuko (Entrevista, 2016), que diz: “*menino e menina? Eu acredito que não separamos*”. Certamente elas não o faziam de modo consciente, pois, à medida que as concepções e atitudes se tornam uma “segunda natureza”, os indivíduos manejam suas concepções de modo que tenham total controle e autocontrole dos seus pensamentos e expressões e as usam “porque lhe[s] parece uma coisa natural, porque desde a infância aprende[m] a ver o mundo através da lente desses conceitos” (ELIAS, 2011, p. 26).

No contexto da “Escola”, as lembranças pessoais indicam a formação da professora. Sendo assim, estamos falando de ser uma menina conforme a educação recebida na “Escola Modelo”, muitas vezes não apresentada na fala das entrevistadas, mas mostrada/demonstrada em nuances das memórias, na formação, nos documentos, na filosofia e na concepção da “Escola”, nas imagens, nos conteúdos e valores transmitidos para a nova geração, ou seja, em diversos aspectos foi possível observarmos as imbricações entre a tradição cultural – resquícios de um passado vivido também pelas professoras, quando foram alunas – e a educação feminina recebida na família.

<sup>14</sup> “[...] um tipo de desigualdade codificada pela sociedade em questão de tal forma que se converteu em um costume senão um hábito, como parte dos hábitos sociais dos indivíduos”.

Um exemplo desse comportamento cometido e discreto pode ser verificado na Figura 3, que apresentamos a seguir, onde as meninas estão de *quimono* junto a suas duas professoras. Esta é a única imagem na qual aparecem as duas professoras da pesquisa. Observamos a postura e a posição das mãos das professoras, reproduzidas por todas as meninas, o sorriso, o cabelo, as pernas fechadas, pois o *quimono* tem uma forma de amarrar que prende as costas obrigando a coluna a ficar ereta e a postura reta, o que pode ser contemplado nas professoras, mesmo sem o *quimono*.

**Figura 3** - Meninas de quimono – 1991.



**Fonte:** Acervo da “Escola Modelo da Língua Japonesa de Dourados”.

Deste inventário de comportamentos femininos, de posturas, modos, rituais, cerimoniais de silêncios, bem como das formas veladas de tratamento destinadas às mulheres, na cultura japonesa, nós depreendemos fragmentos nos depoimentos da sra. Yasuko (Entrevista, 2016), quando ela relata que, em seu registro de nascimento, a data está em desacordo com o dia do seu nascimento: “*Outros filhos estão mais ou menos de acordo com a data de nascimento, eles eram meninos. Como menina (ela mesma), podia ser de qualquer jeito*”. Ou seja, tal memória dá conta que, no Japão, era corriqueiro, na época do seu nascimento, que as meninas não fossem prontamente registradas, assim como os meninos, demonstrando sinais de desvalorização da mulher. No caso da profes-

sora, a família registrava um grupo de crianças e não sabia a data de cada um individualmente, ocorrendo em equívocos que marcaram as lembranças da sra. Yasuko.

Assinalamos o ressentimento no relato da sra Yasuko (Entrevista, 2016), mas destacamos que, ao educar as gerações posteriores, muitos desses costumes se repetem. Sobre essa temática, Elias (1998, p. 202) indica que “un hombre y una mujer educados en esa tradición no pueden romper fácilmente con ella sin perder el respeto a sí mismos así como el respeto de su grupo”.<sup>15</sup> Desse modo, os conceitos embutidos na tradição têm valores existenciais para determinados grupos sociais, e são/serão hábitos que exercem no indivíduo o autocontrole em processo de naturalização, funcionando mesmo quando a pessoa está sozinha.

Nesse contexto social, cultural e geracional, “[...] as mulheres orientais são de fundamental importância para que as futuras gerações deem continuidade aos costumes de seus antepassados, mesmo que de forma adaptada, dentro das condições que o novo país lhes oferece” (KUBOTA, 2008, p. 75). Ou seja, de algum modo, foram/são as mulheres professoras que transmitiram/transmitem aspectos da tradição nipônica, mesmo aqueles dos quais discordavam/discordam.

Tais aspectos nos fazem pensar nos silêncios sobre a educação feminina, nas entrevistas das colaboradoras, mas buscamos nas entrelinhas a historicidade desses processos e a formação dos conceitos, pois, como destacam Sarat e Campos (2014, p. 54), distintas formas de “[...] educar, cuidar, formar e (con)formar as relações de gênero [...]” são históricas e podem hoje ser entendidas e vividas diferentemente. Analisando, então, tais aspectos, com o apoio em Elias (2011), a partir da teoria do processo

civilizador, compreendemos que a normatização dos comportamentos também se modifica e se reconstitui, ao longo da história, em movimentos coletivos e individuais, ainda que as pessoas não tenham consciência direta de tais mudanças.

Em vista disso, considerando a mistura entre o novo e o tradicional, observamos que as transformações dos modos de ser mulher japonesa e a sua concepção na sociedade vêm sendo elaboradas em um processo de longa duração (SAKURAI, 2014). Entretanto, apesar de verificarmos algumas mudanças nos costumes, nos modelos familiares e no lugar social das mulheres, percebemos que a essência de como ser/se comportar de uma mulher japonesa, continua sendo transmitida de forma sutil e cristalizada, tanto na “Escola” como nas famílias, valorizando hábitos que seriam próprios para as mulheres. Tais modelos, ainda hoje, se pautam em uma educação direcionada por estratégias de submissão e obediência a segmentos hierárquicos e imposições externas, sendo transmitidos às futuras mulheres japonesas da comunidade.

## Algumas considerações

*Pela tradição do povo japonês não se aprende pelo que é dito, mas pela imitação do outro; difícil, portanto, explicar o que não se sabe ao certo o que é, sente-se, percebe-se, mas não consegue explicitar pelas palavras.* (Demartini, 1999, p. 12)

Entendemos que a afirmação de Demartini (1999) nos permite uma reflexão acerca da educação, no âmbito da cultura japonesa, pois ela indica de maneira contundente os modos como tal formação se constitui, indo em direção à nossa investigação, ao propormos uma pesquisa com as mulheres da “Escola Modelo de Língua Japonesa de Dourados/MS”. Em relação à fala das mulheres, podemos dizer que nem tudo foi possível extrair das entrevistas,

<sup>15</sup> “um homem e uma mulher educados nessa tradição não podem romper facilmente com ela sem perder o respeito por si mesmos assim como o respeito de seu grupo.

dada a formação daquelas professoras, o que reforça esse modelo discreto e silencioso de educação.

O Estado de Mato Grosso do Sul abriga a terceira maior colônia japonesa do Brasil, mas, ao fazermos uma busca bibliográfica sobre a temática, ficou visível a escassez de estudos sobre esse povo étnico, na dimensão trabalhada nesta pesquisa. Entretanto, vale ressaltarmos que as investigações acerca dos imigrantes japoneses de Mato Grosso do Sul vêm crescendo, abarcando diferentes abordagens e fazendo com que a história desse povo no Estado seja contada.

O trabalho objetivou pesquisar as mulheres, imigrantes japonesas que fizeram parte da construção da “Escola Modelo de Língua Japonesa de Dourados/MS”, situada no município de Dourados, Estado de Mato Grosso do Sul, investigando a atuação dessas mulheres como principais formadoras de meninas que frequentaram a referida “Escola”. Apesar de se autodenominar uma escola de língua, ela teve/tem, como seu maior objetivo, a formação pessoal e social das/os descendentes no padrão da cultura de origem dessas/es imigrantes japonesas/es.

Sendo assim, foi imprescindível conhecermos essa história por meio das vozes das mulheres, nos vestígios dos movimentos em que sempre estiveram engajadas e voltadas para a educação das/os descendentes da comunidade nipônica, mas que, em sua maioria, silenciaram diante da representatividade masculina e pública.

Nas entrevistas com as duas mulheres – principais figuras da realização do projeto de construção da “Escola” –, as suas memórias de infância, adolescência e da fase adulta, bem como as experiências matrimoniais, domésticas e de trabalho nos proporcionaram importantes pistas de investigação acerca das relações de gênero na cultura japonesa. Foi inte-

ressante percebermos que, para além de suas próprias experiências, as formas de educar meninas em suas percepções ainda estavam marcadas pela própria educação recebida no país de origem.

Apesar dos silêncios sobre a especificidade da educação das meninas na “Escola”, com as memórias e relatos dessas mulheres e professoras reafirmamos a existência de um modo de ser, de uma especificidade de ser e se comportar como menina/mulher japonesa no padrão esperado da sua cultura. Como foi possível observarmos por meio das fotos, mesmo sendo um momento único capturado, é visível a organização da turma de meninas vestidas e (con)formadas ao hábito japonês, que se apresentou naturalizado/cristalizado pelas professoras japonesas que formaram essas meninas, da mesma forma como expressada na epígrafe apresentada no início destas considerações.

Do mesmo modo, a abordagem da cerimônia de chá no currículo da “Escola”, como também o relato da sra. Satoko, que explicita como uma mulher japonesa deve se comportar, ser uma menina comedida, discreta, silenciosa etc., em algumas conversas na sala de aula, evidenciaram estratégias da educação das mulheres para o lar e o casamento que eram repassadas na “Escola”.

Nesta análise, percebemos como as relações de gênero aparecem de forma atravessada, oblíqua, indo além de uma resposta à pergunta de como seria a forma de educar meninos e meninas no dia a dia da “Escola”. Na tentativa de identificar formas de educar meninas na “Escola”, encontramos configurações estabelecidas, incrustadas, cristalizadas em um período de longa duração, na tradição da cultura japonesa, as quais se apresentaram no silêncio das mulheres japonesas entrevistadas.

Finalmente, denotamos, à luz dos nossos referenciais teóricos que os hábitos, ou seja,

as condutas sociais já cristalizadas nos indivíduos, no caso das imigrantes japonesas, são parte de sua “segunda natureza” e elas acabam tendo um autocontrole sobre suas ações, emoções e sentimentos, de modo a transmitir de forma imperceptível e sutil certos padrões. Compreendemos que tais hábitos entendidos como normais vão sendo passados de geração em geração, ao longo de um processo contínuo. Em vista disso, encerramos assinalando a urgência dos estudos acerca das relações geracionais e de gênero, nos contextos migratório/migratório, que apontem para a atuação de mulheres, homens e crianças nos processos educativos dos quais fazem parte.

## Referências

- AKAMA, Regina Chiga. **A formação da identidade feminina**: reconstruindo a memória e a história de vida de ex-alunas do Internato “São Paulo Saihou Jogakuin”. 2008. 371 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BITTAR, M. **Mato Grosso do Sul, a construção de um estado**. Volume 1: Regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Vivências diferenciadas entre três gerações de japoneses em São Paulo. **Travessia**, São Paulo, n. 35, p. 10-16, set./dez. 1999.
- ELIAS, Norbert. El cambiante equilibrio de poder entre los sexos. Estudio sociológico de un proceso: el caso del antiguo Estado Romano”. In: ELIAS, Norbert. **La civilización de los padres y otros ensayos**. Bogotá: Editorial Norma, Bogotá, 1998. p. 199-248.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1**: uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder com base em uma comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Tradução do posfácio Pedro Sússekind. Apres. e ver. téc. Frederico Neiburg. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ESCOLA MODELO DE LÍNGUA JAPONESA DE DOURADOS. Documento da Fundação da Escola Modelo de Língua Japonesa de Dourados, 1990.
- INAGAKI, Edna. Mitsue. **Imigração japonesa para o Brasil**: os japoneses em Dourados, (séculos XIX e XX). Dourados: UEMS, 2008.
- IWAMOTO, Vivian. **Educação e civilidade nas memórias de infância de imigrantes japoneses**. 2016. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, Dourados, MS, 2016.
- IWAMOTO, Vivian; SARAT, Magda. Danças japonesas: a história e a trajetória de uma professora imigrante. **História Oral**, v. 19, n. 2, p. 87-107, jul./dez. 2016.
- KOCHI, Joice Camila dos Santos. **“Escola Modelo de Língua Japonesa de Dourados-MS”**: movimentos, histórias e memórias de mulheres. 2017. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, Dourados, MS, 2017.
- KUBOTA, Nádía Fujiko Luna. **Bon Odori e sobá**: as obassan na transmissão das tradições japonesas em Campo Grande-MS. 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista/UNESP, Marília, SP, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MATOS, Maria Izilda. História das mulheres e gênero: usos e perspectivas. In: MELO et al. (Orgs.). **Olhares feministas**. Brasília, DF: Ministério da Educação; UNESCO, 2009. p. 277-289.
- MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MENEZES, Ana Paula. Colônia agrícola nacional de Dourados (CAND): o trabalho dos migrantes e a intensificação da agricultura no antigo sul de Mato Grosso. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ECONÔMICA & ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA, 4., 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2012. p. 1-17.

NISHIMOTO, Miriam Mity. **Herança cultural e trajetórias sociais nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa.** 2011. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011.

NISHIMOTO, Miriam Mity; PEREIRA, Jacira Helena do Valle. Diálogos do habitus professoral e oriental nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 39, n. 1, p. 179-197, jan./abr. 2014.

PERROT, Michelle. **As mulheres e os silêncios da história.** Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de gênero e história social. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 159-189, abr. 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2012.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das mulheres no Brasil.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ROCHA, Cristina Moreira. **A cerimônia do chá no Japão e sua reapropriação no Brasil:** uma metáfora da

identidade cultural do japonês. 1996. 216 f. Dissertação (Mestrado em Comunicações e Artes) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 1996.

SAKURADA, Chisai; MATSUSHITA, Michiko; SHIMA, Hiroko; KONISHI, Mitsuko. **The gender issue in Japan, from the foreign cultural point of view.** Kanazawa University Repository for Academic resources, 2002. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/2297/1891>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SARAT, Magda. Contribuições de Norbert Elias aos estudos da infância e Processo Civilizador. In: GEBARA, Ademir; COSTA, Célio Juvenal; SARAT, Magda. (Orgs.). **Leituras de Norbert Elias:** processo civilizador, educação e fronteira. Maringá: Eduem, 2014. 263 p.

SARAT, Magda; CAMPOS, Míria Izabel. Gênero, sexualidade e infância: (con)formando meninas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão/SE, v. 7, n. 12, p. 45-56, jan./abr. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2951>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

## Entrevistas:

YASUKO. Entrevista concedida a Joice Camila dos Santos Kochi. Dourados, em julho de 2016. Gravação registrada em aplicativo Gravador do iPhone.

SATOKO. Entrevista concedida a Joice Camila dos Santos Kochi. Dourados, em fevereiro de 2016. Gravação registrada em aplicativo Gravador do iPhone.

Recebido em: 15.11.2017  
Aprovado em: 06.03.2018

**Joice Kochi** é Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFGD. Professora da Educação Infantil lotada na Secretaria Municipal de Educação (SEMED), Prefeitura Municipal de Dourados. Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador (GPEPC). e-mail: [joice.kochi@gmail.com](mailto:joice.kochi@gmail.com)

Rua Antônio de Carvalho, 1145, Apto 104, Vila Planalto. 79826-030. Dourados/MS.

**Magda Sarat** é Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP. Professora Associada lotada na Faculdade de Educação (FAED), Universidade Federal da Grande Dourados. Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador (GPEPC). e-mail: [magdasaratufgd@hotmail.com](mailto:magdasaratufgd@hotmail.com)

Rua José Domingos Baldasso, 514, Parque Alvorada. 79823-480. Dourados/MS.

**Miria Isabel Campos** é Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFGD PGE/UFGD. Mestra em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professora Assistente da Universidade Federal da Grande Dourados, lotada na Faculdade de Educação (FAED). Membro dos seguintes grupos de pesquisa na UFGD: Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador/GPEPC e Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Educação Infantil e a Infância (GEINFAN) na Faculdade de Educação/FAED. e-mail: [miria.iza.campos@gmail.com](mailto:miria.iza.campos@gmail.com)

Rua Ali Hassan Ghadié, 200, Apto 04, Parque Alvorada. 79823-470. Dourados/MS.

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Rodovia Dourados-Itahum, km 12. Cidade Universitária. CEP: 79804-070 – Dourados/MS Telefone: (67) 998475257